

DA GRATUIDADE À OBRIGATORIEDADE DA LEITURA

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução de Leny Werneck. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. 167 p.

Terezinha de J. L. Ferreira LEITE*

Quando se trata de discutir questões relativas à leitura é preciso delimitar os aspectos que se pretende abordar. Isto porque são diversos os sentidos, vozes, conceitos e concepções que emergem com relação ao assunto.

No bojo dessas discussões, uma das questões mais polêmicas que permeiam as pesquisas e trabalhos, tanto nos meios acadêmicos, quanto nas escolas da rede pública, sobretudo entre educadores de modo geral tem sido a motivação para leitura, mais precisamente o que desperta o gosto e o prazer de ler na criança e no jovem leitor.

Daniel Pennac, preocupado com a condição alienante que envolve o ato de ler na escola, desenvolve um estudo crítico sobre o tema, relatando algumas experiências vivenciadas com seus alunos, as quais não apenas levam o leitor a refletir, mas também suscitam novas idéias no pensamento de quem as lê.

Com um estilo leve e prazeroso de escrever, o autor mescla poesia e uma pitada de ironia refinada à sua narrativa, desvelando a leitura como algo agradável e fascinante, embora nas entrelinhas de seu texto fique evidente o quanto é laborioso o ato de ler, até mesmo para aqueles que se apresentam como “leitores com prazer”.

A obra de Daniel Pennac é sem dúvida uma porta de entrada para o mundo da leitura. O autor apresenta algumas pistas que servem para compreender o porque da criança afastar-se do livro quando chega à adolescência. É enfático em dizer que o que afasta a criança e o jovem do livro não são apenas os computadores, televisão, videogames, shopping-centers, etc., mas sim quando o livro deixa de ser “vivo”, perdendo desta forma o elo que une leitura e prazer.

(*) Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp.



Resenha

As seguintes partes compõem a obra em questão: **Nascimento do Alquimista. É preciso ler. Dar a ler. O que lemos, quando lemos.** Há um movimento dialógico no decorrer da narrativa, cujo conteúdo é devidamente articulado visando tornar a leitura mais cativante e menos pedagógica, tal qual um romance, fazendo jus ao nome do livro.

Pennac denuncia no decorrer de suas análises alguns obstáculos de ordem técnica que impedem o acesso à leitura; como por exemplo: a mísera verba que o Ministério da Educação destina ao livro, escassez de bibliotecas escolares, etc; todavia não demonstra que tais fatores possam interferir de forma decisiva no interesse e gosto pela leitura.

Em vista disso, o autor opta por trilhar caminhos mais diretamente ligados ao leitor e ao ato de ler propriamente dito, o que reafirma a importância e validade de sua obra, reconhecendo sobretudo que não há fórmulas milagrosas para despertar o prazer de ler.

Segundo o referido autor, o prazer de ler é geralmente despertado na infância, época em que as crianças ouvem histórias na hora de dormir, contadas por seus pais ou avós aos pés da cama, entretanto tal prazer dilui-se quando as ditas crianças começam a freqüentar a escola. *Nessa ocasião, o prazer transforma-se em dever; a gratuidade e a liberdade da leitura são substituídas pela obrigatoriedade*, surgindo as "malfadadas fichas de leitura", as cobranças, avaliações, etc., que contribuem para "vacinar" o leitor contra o prazer de ler.

Quanto à prática de contar histórias no seio familiar, é significativo acrescer às idéias do autor que na atualidade está cada vez mais escassa a referida prática, até por conta do empobrecimento das relações humanas que é fruto da nossa sociedade capitalista cada vez mais individualista, sendo assim, é privilégio de poucos ouvir histórias na hora de deitar, e, além do mais, é sabido que o aluno que freqüenta a escola pública, geralmente faz seu primeiro

contato com os livros nos bancos escolares.

Talvez, já ciente dessa privação de contadores de histórias no ambiente familiar, o autor resgata na sua prática pedagógica "O Contador de Histórias na sala de aula", como uma saída para "cativar" o aluno à leitura. Desvenda e ensina alguns segredos dessa velha arte de entreter e educar crianças. Lendo para os seus alunos os mais diversos autores, fez com que percebessem que todos contam uma história e um livro bem lido é um passaporte para a fantasia e o despertar de si mesmo.

Ao desvelar a sua prática pedagógica, o autor relata de forma pormenorizada e hilariante inúmeras situações, diálogos, etc., em que os jovens se vêem cerceados de sua liberdade dentro do espaço escolar em função da leitura. A maioria desses jovens trava uma obstinada "batalha" com o livro, o qual é experimentado como sendo: *"... um objeto contundente e um bloco de eternidade... a materialização do tédio"...* (p.23).

Um outro fato que o autor adverte para um desavisado educador ou para aquele pai ansioso que fica na espreita de que o filho leia é o seguinte:

"- O verbo ler não suporta jamais o imperativo: LEIA!, isso fatalmente contribui para a aversão do jovem pela leitura" (p. 13).

Pennac ressalta ainda a incompetência de certos professores para a leitura, os quais muitas vezes indicam livros para os alunos, sendo que nem ao menos se deram o trabalho de ler. Denuncia a aprendizagem aberrante da leitura, práticas convencionais demais e a pressão dos "pedagogos" ao cobrarem ritmos acelerados de leitura, interpretações de sentidos, etc.

Dentre as suas indagações, afirmações, pressuposições, etc., o autor se reporta e lamenta o "d-o-g-m-a": *"É preciso ler!" Sempre, por algum motivo é preciso ler! "... para aprender, para dar certo nos estudos, para nos informarmos, para conservar a memória do passado, para ganhar tempo, para buscar um sentido na vida, para alimentar nossa curiosidade, para*

nos distrairmos, para exercer nosso espírito crítico, etc... " (p.70-71).

É preciso ler!... quando na realidade cada uma das frases lidas provam que os ditos alunos não lêem nunca! Ou, quando lêem é em nome do dogma.

Nessa emaranhada rede de situações em que se encontram a leitura e os leitores, há felizmente aqueles que reconhecem a validade da leitura durante os anos de escolaridade, afirmando que os livros lidos foram bastante úteis e indispensáveis e, se não lêem mais hoje é pelo simples fato de terem lido ontem, quase que desculpando-se por serem ex-leitores.

Diante dessa relação complicada e de certa forma paradoxal da leitura na escola, Pennac sugere que o professor, ao invés de exigí-la, comece imediatamente a partilhar da mesma e a melhor maneira de fazer isso é contando histórias; nesse sentido, insiste em resgatar o professor-contador-de-histórias como uma condição *"sine qua non"* para que a leitura restabeleça a harmonia no espaço escolar.

Acreditando nessa saída proposta pelo autor, é necessário que cada vez mais educadores resgatem a leitura de forma prazerosa, retomando a importância do papel do contador de histórias para o cotidiano da sala de aula. Todavia, deve-se tomar o cuidado de não utilizar essa "hora da história" apenas como mecanismo de estímulo à leitura, conforme temos visto em alguns contextos escolares, que possuem tal espaço, geralmente com hora e dia

marcados e, algumas vezes material e atividades pré determinadas, o que, ao invés de motivar pode contribuir para diminuir o prazer de ler.

Pennac, finalmente, presta a sua contribuição mais efetiva ao vaticinar os direitos do leitor. Com inusitada criação e inovação, intitula:

"O direito de não ler. O direito de pular páginas. O direito de não terminar um livro. O direito de reler. O direito de ler qualquer coisa. O direito ao bovarismo.¹ O direito de ler em qualquer lugar. O direito de ler uma frase aqui e outra ali. O direito de ler em voz alta. O direito de calar" (p.139).

Graças a Pennac o leitor passa a ter direitos e isso é muito bom, principalmente para aquele pretendente que ainda está indeciso se começa ou não a ler. Nessa altura, se se deu o trabalho de ler este texto, já deve sentir uma pontinha de vontade de buscar algo que lhe agrade e usufruir dos seus direitos.

Espero que as contribuições aqui enunciadas possam ser úteis para todos aqueles que pretendem estimular o tão desejado prazer de ler e quiçá possam estabelecer uma ruptura com as práticas de leituras mecanicistas.

Se a história encanta é porque há um significado, uma importância, um ritmo, enfim um sentido íntimo só conhecido do leitor. E o bovarismo de que nos fala Pennac já aconteceu! O prazer do livro lido é guardado em silêncio para sempre na certeza de garantir a liberdade e a intimidade do leitor.

⁽¹⁾ O "bovarismo" é explicitado pelo autor como sendo uma satisfação imediata e exclusiva de nossas sensações: a imaginação infla, os nervos vibram, o coração se embala, a adrenalina jorra, a identificação opera em todas as direções. É o nosso primeiro estado de leitor, comum a todos. Delicioso (p.157).